

METÁFORA EM PSICOLINGÜÍSTICA: DEBATE

Eunice Pontes - UFMG

Quero agradecer ao professor Harris ter-me fornecido o texto de seu trabalho com antecedência, de modo que eu pude refletir sobre ele.

Apreciei seu trabalho pelo que me ensinou sobre metáforas de um modo geral,¹ de como elas vêm sendo estudadas de diferentes pontos de vista, bem como de sua aplicação na psicoterapia.

Como o assunto é muito importante e muito vasto, as metáforas podem ser abordadas de diferentes maneiras, de modo que sempre fica alguma coisa mais a dizer a respeito. Ainda bem, porque, senão, não sobraria nada para eu dizer aqui. Vou, então, fazer algumas observações sobre o seu texto.

A primeira coisa que me chamou a atenção em seu trabalho foi considerar semanticamente anômalas as sentenças de 1 a 6. Será que considerá-las anômalas não é partir de um conceito muito restrito de linguagem? Que sô seriam "normais" ou gramaticais sentenças "racionais", neutras, ou de sentido concreto? Em que sentido, por exemplo, a sentença (5) é anômala? Ela é perfeitamente natural para mim. Você diz que "em um contexto razoável, elas são perfeitamente compreensíveis". É aí que eu me situo ao lado de Bolinger (1977), Givón (1979) e outros, que sustentam que não se deve analisar sentenças fora de contexto. Esta tendência a analisar sentenças fora de contexto como sendo "gramaticais" ou "agramaticais" é uma posição altamente restritiva de certos lingüistas.

No fundo, eu acho que existe por trás desta concepção de linguagem uma crença na superioridade do informativo e do racional. Essa crença se manifesta na atitude de considerar como ponto de partida sempre a linguagem fora do contexto, despida de toda co-

conotação afetiva, emocional. Isto acontece porque a maioria dos lingüistas, em vez de partir da convivência com a linguagem real, tal como usada em contexto (e cabe perguntar se existe linguagem fora de contexto), começam com uma teoria construída em sua cabeça e daí inventam exemplos que se encaixem em suas teorias pré-fabricadas. Pyle (1975), estudando os atos indiretos de fala, acaba chegando à conclusão de que toda linguagem, afinal, é um ato indireto. Porque o ato direto, afinal de contas, seria a ação. Ele dá o exemplo da pessoa que está cansada de uma visita, e quer ir dormir. O ato direto seria colocar a pessoa para fora da casa. Quando a pessoa usa da linguagem para alcançar seus objetivos, ela já está agindo indiretamente. A conclusão a que ele chega é que a distinção entre direto e indireto na linguagem é verdadeira somente em uma situação hipotética. Não é nunca na distinção real em termos de uso da linguagem. Eu acho que a maioria das distinções em linguagem, como essa de anômala e "normal", é artificial e não se sustenta quando se entra em contato com a realidade.

Lakoff (1980), que estuda as metáforas de uso comum, mostra-nos como elas estão espalhadas na nossa linguagem do dia a dia, e como refletem a nossa atitude diante do mundo. Por exemplo, quando a gente diz que "tempo é dinheiro", toda uma concepção materialista de vida está sendo veiculada. Ele mostra mais: que uma metáfora como esta não é isolada, ela está relacionada com um verdadeiro campo semântico, que segundo ele, forma um todo, uma "gestalt". Assim, dizemos: estou perdendo tempo, ganhando tempo, economizando tempo, empregando bem (ou mal) o tempo, etc.. Não há nada de necessário nesta relação entre tempo e dinheiro; em outras culturas isso provavelmente não existe.¹ Agora, estas expressões não têm nada de anômalas, são "moeda corrente" em nossa sociedade, em nossa linguagem do dia a dia. Há inúmeros exemplos no livro de Lakoff, mos-

trando que as metáforas fazem parte de nossa linguagem cotidiana, e mais: elas moldam nossa realidade. Porque nós não falamos só por metáforas, nós agimos de acordo com elas.

Pude constatar a verdade das afirmações de Lakoff, examinando seus exemplos 23, 24 e 25, em que você pretendeu mostrar a diferença entre a linguagem metafórica e a comum. Acontece que os exemplos de linguagem não-metafórica que você deu, o Lakoff mostra que são metafóricas. Quando dizemos que "o futuro parece vir muito devagar", estamos nos baseando na metáfora de que o tempo se move, como se o futuro estivesse vindo ao nosso encontro. O tempo é abstrato, ele não tem movimento, só metaforicamente. O mesmo acontece com "minha vida está passando muito rapidamente". Lakoff aponta a metáfora da vida como uma viagem, que começa quando nascemos e termina com a morte. No exemplo 25b, vemos *mentira*, um termo abstrato, ao lado de adjetivos como *pequena* e *grande*, que são usados concretamente somente com termos de referência concreta, como *cadeira* ou *mesa* e foram transportados metaforicamente para *mentira* por analogia.

A falha em perceber esses usos metafóricos mesmo por parte de uma pessoa que estava lidando com o assunto, evidencia como o uso da metáfora é inconsciente. A dificuldade de lidar com conceitos abstratos como *tempo* e *mentira* nos leva, creio, a só conseguir falar deles por meio de metáforas, em que inconscientemente se estabelece uma relação com conceitos de referência mais concreta, como movimento e tamanho.

Outro aspecto de seu texto que me chamou a atenção, foi a pouca atenção dada a Freud e à psicanálise. Eu não sou nenhuma autoridade no assunto, mas em vista do que Lakoff nos mostra em seu livro sobre a influência das metáforas em nossa vida diária, e a atenção dada por Freud a nossos sonhos, fiquei com uma pergunta para lhe fazer.

Durante algum tempo em que fiz psicanálise (fui analisada e me analisei muito também), eu fiquei impressionada com as relações que a gente faz, nos sonhos, entre acontecimentos e pessoas da vida diurna, e como nos sonhos a gente liga tudo isso a figuras que são mesmo que metáforas. Eu achei muito semelhantes as relações que no sonho se estabeleciam com os acontecimentos reais e certas figuras da linguagem. E pergunto: não é o mesmo processo, esse do sonho, e as metáforas lingüísticas, seja na linguagem coloquial seja na poesia? Ou seja, não é o processo básico do simbólico?

Um terceiro aspecto que eu queria debater era o da utilização da metáfora na psicoterapia. Você diz que através da metáfora o paciente pode tratar de assuntos que seria muito difícil para ele tratar diretamente e você fala em pontos reprimidos. Mas isso não é o mesmo que dar razão a Freud? Não era isso que ele dizia? A psicoterapia não está utilizando exatamente o mesmo processo de que a pessoa se utiliza inconscientemente?

Foi lendo o estudo de Pyle sobre os atos indiretos de fala que me saltou à mente a semelhança entre os sonhos, os atos indiretos de fala e as metáforas. Pyle se pergunta porque nós usamos atos indiretos de fala. Como quando a mulher diz para o marido: "Você viu o colar que o marido da fulana deu prá ela?" E chega à conclusão de que a razão é um conflito: a pessoa "deseja veicular a mensagem por algumas razões e não deseja veiculá-la por outras razões" (p. 2). Ele sugere que "há uma conexão importante e muito profunda entre o mecanismo comunicativo interpessoal da indireção e o mecanismo intra-pessoal ou intra-psíquico da repressão"²(p.10) e conclui, mesmo, que são exatamente o mesmo mecanismo. Segundo ele, as pessoas falam com outras pessoas do mesmo jeito que falam consigo mesmas. Indireção e repressão são mecanismos para lidar com o conflito e ambos o fazem pelo "escape" (avoidance) (p.10).

Esta explicação da indireção como uma maneira de evitar o conflito me parece perfeita, porque quando comecei a estudar os atos indiretos de fala, há alguns anos atrás, percebi exatamente isto: que eu usava um ato indireto quando sentia dificuldade de dizer as coisas diretamente. E esta dificuldade vinha das relações conflituosas com a pessoa a quem eu me dirigia. Quanto mais difícil era a relação com o outro, mais atos indiretos eu usava. A dificuldade estava tanto naquilo que eu tinha a dizer, quanto na reação que eu sabia que ia despertar, no outro, a coisa desagradável. O conflito estava tanto na coisa a ser dita, quanto nas relações com o receptor.

Agora, vejamos o que Freud diz a respeito dos sonhos: *"existe uma relação íntima e regular entre a natureza ininteligível dos sonhos e a dificuldade de comunicar os pensamentos existentes por trás deles"* (1973:28).

Pode-se surpreender, mesmo, nas palavras de Freud, uma indicação da relação que Pyle sugere entre indireção e sonhos: "O material das idéias sexuais não deve ser representado como tal, mas substituído no conteúdo dos sonhos por insinuações, alusões e formas semelhantes de *representação indireta*" (grifo meu) (p.82).

É o próprio Freud que relaciona os sonhos com outras formas de simbolismo: "O simbolismo onírico se estende muito além dos sonhos ... (mito, folclore, contos de fadas, chistes)" (p.86).

Veja-se como ele liga os sonhos com as metáforas: "Os pensamentos oníricos ... não se acham vestidos na prosaica linguagem costumeiramente empregada por nossos pensamentos, mas, pelo contrário, são representados por meio de símiles e metáforas, em imagens semelhantes às do discurso poético" (p. 48). Mas parece, pela primeira parte desta citação, que ele não chegou também a perceber que o mecanismo está presente mesmo na "linguagem prosaica" de todo o

dia.

O que eu quero mostrar, aqui, é que o mesmo mecanismo em jogo nos sonhos é o que subjaz os atos indiretos de fala e as metáforas. Aliás, mais uma vez Freud aponta nessa direção: "Não devemos supor que o simbolismo onírico seja uma criação da elaboração dos sonhos; ele é, com toda probabilidade, uma característica do pensamento *inconsciente* (grifo meu) que supre a elaboração onírica com o material para a condensação, o deslocamento e a dramatização" (p. 86). E vai mais longe: "Toda uma quantidade de manifestações da vida quotidiana de pessoas sadias - tais como o esquecimento, lapsos de linguagem, atos falhos e uma classe particular de erros - devem sua origem a um mecanismo psíquico análogo ao dos sonhos e dos outros membros da série" (p. 66).

O que Lakoff vem mostrar com seu estudo de como as metáforas penetram nossa linguagem do dia a dia, é que nós estamos tão acostumados com elas que não temos consciência de como elas influenciam nossa vida diária.

Voltando à observação de Pyle de que as pessoas falam com as outras do mesmo modo que falam consigo mesmas, podemos lembrar que no sonho a pessoa está falando consigo mesma, enquanto que de dia, quando na relação inter-pessoal, ela está usando do mesmo processo para falar com as outras. Há um trecho de Freud sobre os sonhos que diz exatamente isto: "Ficamos com a impressão de que a formação dos sonhos obscuros ocorre como se uma determinada pessoa que estivesse dependente de uma segunda tivesse de fazer uma observação que estava fadada a ser desagradável aos ouvidos desta segunda..." (p. 73).

Outro aspecto que Pyle aponta na razão de se usar ato indireto é o da manipulação das pessoas. Quando você usa um ato indireto você está visando conseguir da pessoa alguma coisa. Lakoff mostra em

seu livro como as metáforas iluminam certos aspectos da realidade e escondem outros. Desta maneira, elas servem para manipular as pessoas: "As metáforas são conceituais por natureza. Elas desempenham um papel central na construção da realidade social e política" (p. 159). E mais: "Em todos os aspectos da vida, não apenas na política ou no amor, nós definimos nossa realidade em termos de metáforas e então partimos para agir na base das metáforas" (p.158).

Quando nós aceitamos uma metáfora, segundo Lakoff, nós passamos a ver a realidade sob aquele prisma, focando nossa atenção somente naqueles aspectos da realidade que a metáfora ilumina e aceitando as suas implicações como verdadeiras.

Vou terminar com um exemplo muito interessante dado por Lakoff, que ilustra ao mesmo tempo o processo metafórico, o poder das metáforas e seu perigo, também. É um exemplo muito interessante, porque pode ser transposto quase que "ipsis litteris", para a nossa realidade: "O Presidente Carter, diante da crise de energia, declarou 'moral de guerra'". A metáfora de guerra gerou uma rede de implicações. Havia um "inimigo", uma ameaça à segurança nacional" que exigia "estabelecer alvos", "reorganizar prioridades", "estabelecer uma nova cadeia de comando", "tramar novas estratégias", "reunir as inteligências", "guiar, dirigir forças", "sanções impostas", "clamar por sacrifícios", etc. A metáfora de guerra "ilumina" algumas realidades e esconde outras. A metáfora não era meramente um modo de ver a realidade; ela constituía uma licença para a mudança de política e para a ação econômica e política. A aceitação da metáfora abriu campo para certas inferências: havia um inimigo externo, hostil (desenhado por cartunistas em roupas árabes); era preciso dar à energia prioridades absolutas, a população tinha que fazer sacrifícios; se não enfrentássemos a ameaça, não sobreviveríamos. É importante compreender que esta não era a

única metáfora à mão" (p. 156). Houve quem objetasse a essa política, mostrando que ela estava errada por A + B. Mas Jimmy Carter era mais poderoso do que esta pessoa. As pessoas no poder conseguem impor suas metáforas

Essa metáfora de guerra foi invocada também no Brasil quando da repressão aos opositores do regime de 64. Com a metáfora de estado de guerra, estabeleceu-se que jovens brasileiros, que pensavam diferente dos homens no poder, eram "inimigos" e deviam ser tratados como tais. Sob a justificativa de que se tratava de uma guerra torturou-se, matou-se, fuzilou-se, prendeu-se, escondeu-se, esturprou-se, etc.

Hã um exemplo mais dramático do uso das metáforas?

Notas

¹ Uma curiosidade: ao analisar um sonho, na obra citada, Freud usa da metáfora "tempo é dinheiro" para interpretá-lo: "As cifras no sonho tornam-se significativas se nos lembrarmos que 'tempo é dinheiro'"(1973:62). Isso indica que a metáfora já era corrente na Alemanha à época da publicação desse trabalho, ou seja, 1901.

² As citações das obras de Pyle e Lakoff neste texto foram traduzidas por mim.

Bibliografia

- FREUD, S. *Sobre os Sonhos*. Pequena Coleção das Obras de Freud. Trad. de Walderedo Ismael de Oliveira. Rio: Imago Ed., 1973.
- LAKOFF, G. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- PYLE, C. "The Function of Indirectness." Paper delivered at N-WAVE IV, Georgetown University 1975. In: *Six Papers by Charles Pyle*. Jackson, Michigan, 1979.
- BOLINGER, D. *Meaning and Form*. London: Longman, 1977.
- GIVÓN, T. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979.